

O EUCALIPTO NA CULTURA
SILVO-PASTORIL

O eucalipto, como em outro lugar o dissemos, tem folhagem pouco densa e a copa muito aberta, tomando as suas fôlhas a posição vertical, pela torção natural do pecíolo, durante as horas do sol, o que o torna uma árvore preciosa para a formação de pastos arborizados.

A cultura silvo-pastoril forma como que o traço de união entre a cultura agrícola, pròpriamente dita, e a cultura florestal. Ela tem por fim fazer produzir às pastagens arborizadas, forragens, como produto principal, e madeira ou lenha, como produto secundário ou acessório.

São intuitivas as vantagens que oferecem os pastos arborizados, onde os orvalhos são mais abundantes, mais duradouros os seus efeitos e muito menos ativa a evaporação da umidade atmosférica e do solo. Isto se compreende facilmente, porque as árvores, diminuindo a ação dos ventos, sobretudo dos ventos secos e frios, tornam menos intensa a evaporação do solo, contribuindo assim para a formação do orvalho, por êles impedida, única fonte de umidade durante os nossos longos meses de sêca. Além disto, o arvoredo, pelos seus detritos, enriquece o terreno em *humus* e, como o provaram os trabalhos de Henry, também em azôto, e, pelo seu coberto, torna menos freqüente o perigo das geadas extemporâneas, tardias na primavera e precoces no outono, diminuindo, também, o efeito desastroso do degêlo rápido.

As árvores plantadas em filas, carreiras ou renques como quebravento ou anteparo, além de fazerem que o vento perca parte de sua fôrça, obrigam-no a uma ascensão, isto é, mudam-no em vento alto que, transpondo as árvores, segue a nova direção, só incidindo sôbre o solo, novamente, muito depois, passado o obstáculo e numa distância que se calcula em dez vêzes a altura do anteparo.

A arborização dos pastos pode ser feita por árvores isoladas ou em grupos, em linhas simples ou múltiplas, ou mesmo em maciços, ilhas ou *capões*. A escolha do sistema a adotar depende da configu-



Fig. 186

Pastagem de capim gordura sob a plantação de eucalipto

ração do terreno, sua natureza e teor de umidade, exposição, direção dos ventos dominantes e também da qualidade e exigências da planta forrageira empregada.

A cultura silvo-pastoril foi sempre condenada pela escola européia e, durante muito tempo, também pelos silvicultores norte-americanos que só recentemente deixaram de julgar incompatíveis as duas culturas. É evidente que não se podem conciliar a produção intensiva de produtos lenhosos e a obtenção de grandes massas de forragens numa mesma área, isto é, que um maciço florestal destinado a produzir volume considerável de madeira não poderá suportar o *pêso* de muitas cabeças de gado. Tem sido muito combatida pelo estrago que os animais causam ao arvoredo e ao solo, facilitando, em certos casos, as enxurradas e erosões. Deve ser totalmente abolida onde se conta com a disseminação natural de sementes para a regeneração da mata. Mas não é este absolutamente o nosso caso. A regeneração do eucalipto é feita por brotos e bastará que haja o cuidado de impedir a entrada de gado nas plantações nos primeiros anos, após o corte.

Há muito tempo, vimos procedendo a estudos e experiências com o fim de verificar se nos seria possível baratear o custeio dos eucaliptais já formados e que constitui, sem dúvida, a despesa mais avultada do Serviço Florestal. Até o terceiro ano, as nossas plantações, sempre que o compasso seja superior a dois metros, requerem cuidados especiais. Depois dessa idade, sobretudo nos eucaliptais plantados a maior distância, o terreno se reveste de vegetação que, embora

pouco prejuízo traga às árvores, sob o ponto de vista cultural, precisa ser destruída pelo enorme perigo que constitui nos casos de incêndio.

Apesar da abertura de aceiros, circundando as plantações, e da vigilância exercida no período da sêca, que se prolonga em nosso país por cerca de cinco meses, é quase impossível evitar a entrada de fogo em eucaliptais, pelas razões já expostas em outro capítulo. O meio que nos pareceu mais econômico e mais prático, de maior eficiência, foi o da transformação da natureza da vegetação rasteira pela de plantas forrageiras e, depois, o seu aproveitamento como pastagem.

A princípio, tal vegetação era constituída quase exclusivamente por sapê (*Imperata brasiliensis* Trind.) e barba de bode (*Aristida palens* H. B.), muito comuns em nossas terras esgotadas e sujeitas a fogo; mas, à medida que os eucaliptos iam enriquecendo o solo com as folhas, raminhos e frutos que dêles se desprendem e que, segundo pesagem rigorosa que fizemos durante vários anos, andam por cerca de 40.000 quilos por alqueire e por ano, essa vegetação foi-se transformando, sem qualquer intervenção de nossa parte, passando a nela predominar, com extrema pujança e notável vigor, o capim gordura ou catingueiro (*Panicum melinis* Trind.).

Essa pastagem que, mesmo em eucaliptais de 15 anos, continua a apresentar magnífico aspecto, tem a enorme vantagem de se manter verde durante todo o ano, mesmo nos meses de sêca, e de resistir aos frios mais intensos de nosso inverno, protegida como está pelo coberto do arvoredo.

Restava-nos saber qual a espécie de gado que melhor se daria em tais condições, preenchendo igualmente o fim visado. Iniciamos as experiências pela criação de ovinos, adquiridos em nosso Estado, no Rio Grande e no Uruguai, sem resultado satisfatório, não somente porque se dão mal em nosso clima úmido e quente, no verão, mas também porque preferem vegetação rasteira e nos eucaliptais o capim se desenvolve com extraordinária pujança. Além disto, é grande o número de moléstias que os atacam, o que nos obrigava a cercá-los de cuidados especiais, impraticáveis nas circunstâncias em que precisaríamos estabelecer a criação.

O gado bovino, que a princípio pareceu resolver a contento o problema, apresenta, porém, o gravíssimo inconveniente de ser atrozmente perseguido por bernes (*Dermatobia hominis*) em pastos arborizados (1).

Isto pudemos observar, durante longo lapso de tempo, em centenas de cabeças, quer do próprio Serviço Florestal e seus empregados, quer de criadores que alugavam as nossas pastagens.

A solução, finalmente, parece-nos ter sido encontrada nos equídeos, gado cavalari e muar, que tudo espinham, comem e destroem e que quase não são perseguidos por bernes. Em pacientes observações levadas a efeito no Serviço Florestal, nos seus dezoito Hortos, verificamos que os equídeos são atacados em pequena percentagem, que não chegou a 10%.

Resolvemos, então, estabelecer em todos os Hortos a criação de éguas e jumentos, com resultados que excederam a nossa expectativa. Fizemos várias experiências nesse sentido e vimos sempre confirmadas as nossas esperanças. Assim, por exemplo, 40 equídeos, entre os

quais 20 éguas, foram soltos num pasto de 35 alqueires, com 135.222 eucaliptos, a 1º. de janeiro. Apesar de muito desenvolvido o capinzal, foi necessário retirar dali os animais em 31 de março, por falta de pasto. Um outro eucaliptal, de 27 alqueires, foi igualmente limpo por esse gado, a ponto de só poder ser novamente utilizado quatro meses mais tarde.

Verificamos que cada égua limpa, em média, pouco mais de um alqueire por ano. Quando plantados no compasso de dois metros, os eucaliptos ficam, depois de adultos, praticamente limpos, não acontecendo o mesmo quando é maior a distância de plantação. Neste caso, sobretudo para compassos de dois metros e meio e três metros, a despesa de roçada por alqueire e por ano é pouco superior ao preço de aquisição de uma égua vulgar, mesmo sem levar em conta o lucro de suas crias.

É preciso deixar bem assinalado que a roçada corta, mas não remove a vegetação que, enquanto não apodrece, ficando sêca, constitui ainda maior perigo de incêndio, ao passo que os animais a comem e ainda estrumam o terreno, concorrendo para a melhoria das plantações e do solo.

Nos eucaliptais sujeitos a pastoreio, convém, ao serem retiradas as éguas, dar uma ligeira aração ao terreno, abrindo dois ou três sulcos nos intervalos das carreiras de eucaliptos, num só sentido, para alofar e facilitar a infiltração das águas pluviais. Isto é indispensável em terrenos que facilmente endurecem sob a pata dos animais.

É preciso lembrar que sempre que se empregue este processo de limpeza dos encaliptos, será indispensável a construção de banheiros carrapaticidas, porque os equídeos são muito perseguidos pelos carrapatos (1).

(1) Esta recomendação de Navarro de Andrade acêrca da necessidade de banheiros carrapaticidas, como tôdas as suas numerosas observações durante uma vida de investigador, incansável, estava certíssima.

No Hórto de Loreto, município de Araras, em 1.940, houve tal infestação de carrapatos nas éguas sôltas nos eucaliptais, que tivemos um surto de tifo exantemático, ou febre maculosa, que nos deu imenso trabalho e a lamentabilíssima perda de vários trabalhadores e pessoas de suas famílias.

Há hoje processos modernos de contrôle dos carrapatos, que dispensam a instalação de banheiros carrapaticidas. Uma série considerável de produtos inseticidas à base de D.D.T., canfeno clorado e outras substâncias químicas, aplicadas por meio de pulverizações periódicas, permitem manter o rebanho livre dêsses parasitas.

Também o contrôle do berne tem sido realizado por nós, de maneira perfeitamente eficaz, com o emprêgo de pulverizações quinzenais de uma solução emulsionável de Toxapheno a 65% (Cooper Tox Extra), diluída em água a 1:200, o que corresponde a 0,418% de Toxapheno, ou, ainda, com uma pasta contendo 6,5% de isômero gama de B.H.C., em suspensão coloidal, diluída em água a 1:400, o que corresponde a 0,016% de isômero gama.